

O PENSAMENTO SOCIAL DE JOAQUIM NABUCO E SUAS REPERCUSSÕES NA SOCIEDADE BRASILEIRA (*)

Alexandre José Sobral Baracho
Universitário

Joaquim Nabuco foi um desses vultos que, além de se sobressaírem na sua época, projetam as influências do seu pensamento muitas gerações à frente. Ele foi um dos maiores expoentes do Brasil e da América Latina, e um dos melhores exemplos de consciência humanística e universalista da história mundial. Sua obra máxima foi, sem dúvida, o Abolicionismo, movimento que livrou nosso país de uma das mais negras manchas que uma nação civilizada pode ter. No entanto, além de ardoroso defensor da liberdade e da justiça, Nabuco foi, também, jurista, diplomata, jornalista, literato e vibrante pan-americanista. Foi, enfim um homem de muitas e diversas atividades, mas, nem por isso, de pouco profundas influências.

Foi um desses paradoxos, com que a história sempre nos presenteia, o fato de que, ele, filho de burgueses, membro privilegiado da aristocracia rural, viesse a ser o porta-voz da raça, que, até então, fora espoliada, humilhada e esquecida. Da raça que construiu, com seu sangue e o seu suor, toda a estrutura da nação, e, em cuja defesa, ele atacava todo sistema sócioeconômico existente no país. Após a sua eleição para deputado, por Pernambuco, soube manter-se fiel aos seus ideais,

(*) Trabalho que obteve o prêmio *Misael Montenegro Filho*, em concurso promovido pelo IJNPS, tendo Joaquim Nabuco como tema e patrocinado pela Empresa Montenegro — Serur Corretagem de Títulos e Valores Mobiliários S.A.

não se curvando às imposições partidárias. Sua atitude favorável à Abolição criou-lhe problemas, decepcionando àqueles que esperavam dele o indiferentismo tão comum a tantos políticos. No entanto, a sua tomada de posição fora definitiva, o que veio a ser ratificado com o seu manifesto, criando a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.

Durante quase duas décadas, ele se bateu pela causa que abraçara. Sua voz se fez ouvir por todo o país. Lançou seus protestos das tribunas da Câmara. Dos palanques públicos, através da imprensa, e mesmo, nos teatros, incitava o povo a lavar a honra nacional. Mesmo quando forçado a se exilar, ele não esmoreceu. Havia perdido uma batalha, mas outras viriam e ele as queria vencer. Da Europa, no seu exílio, continuou a lutar, escrevendo artigos para jornais brasileiros e sul-americanos e realizando conferências sobre a escravidão, suas atrocidades e os malefícios por ela causados ao país. Por causa de suas idéias e de sua campanha, foi tachado de agitador, de comunista, de anti-nacionalista. Caluniaram-no. Diziam que ele detratava o Brasil no exterior, através de conferências e artigos impatrióticos. Suas respostas às acusações não demoraram a ser ouvidas, esmagando os seus acusadores e argumentando de forma decisiva, a seu favor. O que ele atacava era, não o Brasil, mas a corrupção de uma instituição, cujos tentáculos envolviam toda a estrutura sócioeconômica do país. Uma instituição, que, a fim de sobreviver, não hesitava em colocar seus interesses acima dos da pátria. Nabuco, ciente do fato, disse, à época: "O trabalho todo dos escravagistas consistiu em identificar o Brasil com a escravidão. Quem o ataca é logo suspeito de convivência com o estrangeiro, de inimigo das instituições do país". (1)

Quanto a esse aspecto mesmo, da identificação da escravidão com a nação, ele já havia se manifestado, quando da intervenção britânica, no tráfico de negros. Havia já, a lei anti-tráfico, que, no entanto, era burlada, constantemente. A Inglaterra que, se manifestara contrária à escravidão, onde quer que ela existisse, não podia permitir que tão hediondo comércio continuasse. Assim, os navios britânicos passaram a interceptar, prender e confiscar as cargas dos navios negreiros. A grita foi geral. Acusavam os ingleses de estarem insultando o nosso país e, tal foi a polêmica criada, que, um estado de guerra poderia ter sido o resultado do incidente, o que, felizmente, não ocorreu, graças a entendimentos diplomáticos havidos entre os dois países. Em tudo isso, no entanto, Nabuco não via desonra para o Brasil, mas antes, uma ajuda da Inglaterra, no combate a tão aviltante comércio. Acreditava que a intervenção britânica era benéfica para o país e defendia seu ponto de vista desse modo: "A soberania nacional, para ser respeitada, deve conter-se

(1) NABUCO, Joaquim. O abolicionismo.

nos seus limites; não é um ato de soberania nacional o roubo de estrangeiros para o cativoiro. Cada tiro dos cruzadores ingleses... era um serviço à honra nacional. Esse pano verde-amarelo que os negreiros usavam na popa, era apenas uma profanação da nossa bandeira". (2) Para ele, o desrespeito à lei antitráfico era o único motivo para a intervenção britânica. Era uma luta, não do governo inglês com o brasileiro, mas, do primeiro com o tráfico.

As deficiências da nossa legislação, principalmente no que se referia ao escravo africano, foram sempre apontadas pelo grande jurista. Suas declarações eram, não raro, duras e contundentes, mas, sempre, cheias de verdade. Condena, literalmente, toda a legislação brasileira da época, ao afirmar, que "a lei que permite a qualquer indivíduo exercer sobre outros, talvez melhores do que ele, um poder que ela nunca definiu, nem limitou, é a negação absoluta de todo o seu senso moral". (3) E, de certa forma, ele tinha razão. O que havia, à época, era uma total falta de respeito à dignidade humana. A inexistência de qualquer controle ou restrição aos abusos de proprietários de terras e de homens. O próprio processo de arrebanhamento de homens, mulheres e crianças, era um fato aviltante, contrário a todos os princípios do Direito Internacional. A esse respeito, diria, ainda: "A lei brasileira não tem, moralmente, poder para autorizar a escravidão de africanos, que não são súditos do Império. Se o pode fazer com africanos, pode fazê-lo com ingleses, franceses, alemães. Se não o faz com estes, mas somente com aqueles, é porque eles não gozam da proteção de nenhum Estado". (4)

Ele via na Abolição, não apenas uma causa digna e humanitária, mas, também, o primeiro passo para a solução de inúmeros problemas nacionais. O fim do cativoiro era, para Nabuco, uma questão de honra nacional, a melhor maneira de purgar o país de uma série de males. A sua visão do problema nacional era bastante ampla. Era retrospectiva e futurista, ao mesmo tempo. Retrospectiva, porque o acúmulo de malefícios ocasionado pela existência do regime escravocrata, por mais de trezentos anos, fossilizara "nos seus moldes a exuberante vitalidade do nosso povo". Futurista, porque ele sabia que, para a construção de uma grande nação, não bastaria a eliminação do trabalho servil. Era necessário que se eliminassem as estruturas esclerosadas da sociedade escravocrata. Não bastava extirpar o câncer escravagista. Era preciso destruir, também, os seus reflexos, submeter a um expurgo todos os órgãos atingidos pelo mal.

(2) NABUCO, op. cit.

(3) *Ibidem*.

(4) NABUCO, op. cit.

O latifúndio e a monocultura, que tantos males causam ao progresso socioeconômico de qualquer nação, foram alvos constantes dos seus discursos. O latifúndio, por criar um regime quase feudal de exploração da terra, onde o grande proprietário era senhor absoluto. Um regime, onde mesmo os trabalhadores brancos, livres, eram quase que tão escravos, quanto o negro da senzala. Isso, porque eles tinham de se sujeitar a trabalhar em terras alheias, onde eram espoliados, mal pagos e humilhados. O latifúndio criava a servidão econômica, tão degradante quanto a negra. Já a monocultura, criando a dependência econômica em um único produto, dá margem a sérias crises, causadas por eventuais oscilações de mercado. Além do mais, o plantio de um só produto desgasta o solo, tornando-o improdutivo.

A realidade da vida agrícola, ao seu tempo, bem pode ser imaginada, a partir das seguintes declarações suas: "A verdade é que vastas regiões exploradas pela escravidão colonial têm um aspecto único de tristeza e abandono; não há o consórcio do homem com a terra, as feições da habitação permanente, os sinais do crescimento natural. O passado está aí visível, não há, porém, prenúncio do futuro: o presente é o definhamento natural que precede a morte". (5) Esse era o retrato do Brasil, à época de Nabuco e, mais particularmente, do Nordeste, onde, as áreas rurais não sofriam nenhum processo dinamizador, não se desenvolviam. Contra isso, ele lutou, alertando os seus contemporâneos para a necessidade de uma melhor conservação do solo, de uma melhor distribuição de recursos, da criação de um processo socioeconômico autogenerador e revitalizante. Seu, foi, também, um dos primeiros gritos a favor da reforma agrária. Condenava o uso indevido de terras, por parte dos grandes proprietários, o desperdício de vastas áreas cultiváveis, enquanto milhares viviam sem terras, passando privações. Seu pensamento tem encontrado eco, dentro das consciências nacionais, e grandes movimentos a favor da reforma agrária já se fizeram no país. A oposição, por parte dos grandes proprietários tem sido, sempre, muito forte, mas, apesar de tudo, algumas vitórias foram obtidas. Pequenas, sem dúvida, face a vastidão da tarefa a cumprir, mas pelo menos, constituindo algo de positivo. O mais importante tem sido o apoio oficial do governo, que vem desenvolvendo programas de colonização agrícola, entre os quais, vale destacar o das agrovilas, na Transamazônica, que consiste em distribuir lotes de terras a famílias de colonos nordestinos. No sul, há um grande número de pequenos proprietários, que vivem do seu trabalho e da sua terra; no entanto, no Nordeste, que consideramos um dos maiores, senão o maior, reduto do latifúndio rural, no Brasil, o número de pequenos proprietários é insignificante. Fatos concretos, no

(5) NABUCO, op. cit.

entanto, já são palpáveis e reais, como o da entrega de faixas de terra, a lavradores de Pernambuco, feita pelo ex-ministro Moura Cavalcanti. Na ocasião, disse o ilustre titular da pasta da Agricultura: "Hoje, quando centenas de homens são liberados do trabalho assalariado, conquistando a liberdade de possuírem suas próprias terras... nenhum lugar melhor que Massangana para a solenidade de entrega dos títulos definitivos de posse de terras" (6). Sim, nenhum lugar melhor que Massangana para tal ato, sem dúvida inspirado nos mais elevados ideais de Nabuco. No entanto, muito mais deve ser feito, para que a obra se complete. Órgãos como o INCRA, que se esforçam por planejar a distribuição das terras, devem fiscalizar a efetiva divisão e entrega aos beneficiários, bem como a devida assistência técnica aos mesmos.

O caráter monocultor da nossa agricultura, manifesto em vários ciclos, que, após criar períodos de riqueza deixavam o país no marasmo da decadência econômica, era deplorado por Nabuco. Quando a nação se entregava à euforia do ciclo do café, ele mostrou-se consciente do perigo que representava o fato, de uma nação imensa como o Brasil, repousar a sua segurança econômica sobre um só produto. Para tanto, baseou-se em fatos já passados, como o ciclo da borracha, o do algodão, o do açúcar, ou mesmo do cacau. Nesse ponto, nós vemos um homem preocupado com a formação de uma mentalidade nacional voltada para a diversificação de produtos, para a policultura. Felizmente, o que se vê, no Brasil atual, é um consenso, com relação a esse aspecto, havendo uma política agrícola de diversificação, paralela a uma preocupação constante com a valorização dos nossos produtos no mercado externo.

A campanha de valorização do trabalho livre foi uma das mais importantes das que Nabuco levou a cabo. Ocorreu paralelamente à campanha abolicionista, chegando mesmo a se confundir com esta, visto ser, na realidade, uma preparação infra-estrutural para as eventuais mudanças. Antes mesmo da libertação dos cativos já havia no país grande número de trabalhadores livres, uns brancos, outros mestiços, outros negros alforriados. Muitos, no entanto, talvez a maioria, não participavam da força produtiva do país, isso, porque era humilhante para o homem livre exercer as mesmas atividades do escravo, ombrear com ele nos campos ou nas fábricas. Com a Abolição, milhares de braços seriam incorporados à massa de trabalhadores da nação, o que traria um benefício incontestável para a nossa economia.

Além disso, o país deixava de receber grande número de imigrantes europeus, que, afugentados pelo aspecto do escravismo, procuravam outros países, livres da escravidão. Assim, não nos beneficiamos com

(6) *Diário de Pernambuco*.

a colaboração de grande número de operários especializados, ou semi-especializados, e de camponeses, possuidores de técnicas bem inovadoras e em certos casos, superiores à nossa. Esse fato foi apontado por Nabuco como um dos pontos negativos do sistema escravocrata. Jamais se conformou com a perda de tão bom contingente humano, expressando sua opinião a esse respeito em diversas ocasiões, como por exemplo, quando em visita à Inglaterra, em banquete em sua honra: "Do they not see that immigration divides it self before us in two currents, one to the North and the other to the South, it is because the most magnificent country in America is under the magnetic influence of slavery, which has always been the repellent pole of immigration?" (7) De fato, tão logo aboliu-se a escravidão, o trabalho livre tornou-se infinitamente mais elevado e valorizado, havendo, também, uma maior afluência de imigrantes para o país. Outro fato que viria corroborar a sua opinião era o de haver uma maior concentração de imigrantes nos estados sulistas, que nos do norte, o que, sem dúvida, não era só devido ao clima. Não foi por coincidência, que, no Sul, menos dependente do trabalho escravo, e onde o trabalho livre era mais valorizado, se concentrasse o maior número de imigrantes europeus.

Defendeu a idéia da criação de um cooperativismo, com o fim de que os pequenos proprietários e produtores se auxiliassem mutuamente, bem como de leis trabalhistas, que protegessem o trabalhador contra abusos dos empregadores.

O Cooperativismo, à sua época, já havia sido introduzido no país, através de europeus, principalmente nos Estados do sul. As primeiras tentativas de formação de cooperativas, no Brasil, datam do século XVII, quando padres jesuítas tentaram dar, em Guaira e Vila Rica, uma orientação cooperativista aos agrupamentos indígenas por eles formados. Frustraram-se os seus esforços, devido às incursões dos bandeirantes, que, de modo sangrento, destruíam as missões jesuíticas, à busca de cativos. Durante o século XIX, mesmo, foram feitas algumas tentativas isoladas de criação de cooperativas, que, no entanto, não foram bem sucedidas. A criação de uma cooperativa agrícola, em 1902, no Rio Grande do Sul, e de uma outra, em Goiana, Pernambuco, no mesmo ano, marcou o movimento cooperativista no Brasil, que, a partir daí, vem se desenvolvendo de maneira irregular, vacilante até. Em 1911, houve certa divulgação e incentivos oficiais, com cooperativas vinícolas nos Estados sulistas, seguindo-se um período estacionário, até 1929, quando o Ministério da Agricultura resolveu disciplinar o movimento, elaborando leis que viessem regulá-lo. Hoje, o cooperativismo brasilei-

(7) THE ANTI-SLAVERY REPORTER

ro encontra-se em fase de amadurecimento, podendo fortalecer-se, no futuro, dependendo dos rumos que tome a nossa economia. A existência de inúmeras cooperativas de crédito agrícola; o esforço governamental, no sentido de criar, em uma área virgem, de colonos e de idéias, como é a Amazônia, uma mentalidade cooperativista, de que as agrovilas são fatos concretos e palpáveis; a existência de cooperativas em setores outros, diversos da agricultura, como é o caso das cooperativas de pesca e das de artesanato; tudo isso, constitui-se no presente do cooperativismo nacional, e é a base para o seu futuro.

Sua preocupação, com a regulamentação do trabalho, foi enorme. Sabia que, trabalhadores livres, sem leis que os protegessem e regulamentassem suas relações com os empregadores, não poderiam ser considerados totalmente livres. Havia uma grande lacuna, nesse sentido, em nossa legislação, o que ocorria, diga-se de passagem, com as mais avançadas nações do mundo, como consequência direta da Revolução Industrial. Tanto Nabuco, como outros grandes juristas brasileiros, advogaram a elaboração de leis sobre o assunto. Medidas de alcance limitado, como a regulamentação do trabalho dos menores, as leis de acidente de trabalho, a criação das Caixas de Aposentadoria e Pensões, entre outras, foram tomadas, no princípio deste século, até que, em 1943, foi promulgada a Consolidação das Leis do Trabalho. Assim, o trabalhador brasileiro viu culminar, a seu favor, uma das maiores batalhas no campo legislativo ocorridas no Brasil. Ficaram determinados através da referida Consolidação, direitos e deveres do empregado, itens importantes, como o do salário-mínimo, a duração do período de trabalho, a segurança, a sindicalização, etc. Uma grande vitória, sem dúvida, não apenas para os operários, mas, também para o Direito, no Brasil, e para os homens, que, como Nabuco, lutaram para esse fim.

Nabuco sempre disse que, para que o país fosse verdadeiramente grande, era preciso que seu povo fosse convenientemente educado. A escravidão, no entanto, privou boa parte da nossa população do acesso ao livro. Ele era partidário de uma instrução técnica e objetiva, ao nosso homem, necessária para a preparação de uma mão-de-obra competente e bem treinada. Desejava que fosse criada uma estrutura educacional, que tivesse por fim preparar o povo para entender as mudanças que, inevitavelmente, se seguiriam à Abolição. Uma estrutura que desse, ao povo, meios de preservar os direitos adquiridos e de lutar por eles.

A tarefa, no entanto, era ciclópica, e até hoje se encontra por completar. Os altos índices de analfabetismo registrados no Brasil, não só no passado, como na época atual, têm causas diversas, umas bastante evidentes, outras não. O fato indiscutível é que a escravidão, margi-

nalizando da vida nacional uma grande parcela da mesma, legou ao país uma grande massa de cidadãos, despreparados para o seu papel e completamente analfabetos. Somando-se a esse número o daqueles que, por outros motivos, não tinham acesso à instrução, podemos afirmar que merecíamos o nada honroso título de "país de analfabetos". Como bem disse Nabuco, "a senzala e a escola são polos que se repelem", e essa verdade incontestável prevaleceu, por muito tempo, no Brasil, nos dando como herança o título supracitado.

Nabuco foi um dos primeiros brasileiros a considerar a educação como um investimento. No nosso país, sempre se considerou a educação como um luxo; não se levava em conta o seu valor para a preparação de uma força de trabalho mais eficiente, para a criação de uma tecnologia nacional, para o progresso do país, em geral. Na nossa estrutura educacional, sempre houve um maior número de escolas privadas, do que de escolas públicas. Isso, como consequência direta da utilização do ensino, sempre marginalizou grande parcela da nossa população. Esse fato, como Nabuco e outros já haviam previsto, trouxe sérios problemas para o desenvolvimento nacional. Felizmente, os dirigentes do país têm tomado consciência do problema e dedicado grande atenção à sua solução. Com a chamada Década da Educação, uma atividade febril tem sido desenvolvida, dinamizando o setor educacional. Escolas públicas são abertas em todos os pontos do território nacional. Universidades recebem estudantes de todas as raças e classes sociais. Há uma verdadeira corrida ao conhecimento. É o despertar de uma nação para o valor de sua gente e de suas mentes.

Projetos educacionais de grande alcance, como o MOBREAL e o projeto MINERVA, têm tido resultados positivos. A alfabetização de adultos é um fato comum no panorama de ensino brasileiro. Jovens de todo o país visitam áreas diferentes daquelas em que vivem, através de viagens de estudo pelo PROJETO RONDON ou pela OPEMA, viagens que lhes dão chance de tomar consciência da nossa realidade. Enfim, a educação está sendo levada muito a sério no Brasil atual. Há muito o que fazer, há muito o que corrigir. Mas o essencial, a vontade de acertar, já existe.

Com a Abolição, recrudescceu a Campanha Republicana cujas hostes foram aumentadas por um grande número de proprietários rurais, descontentes com a medida imperial. Esse apoio foi decisivo e, pouco mais de um ano após a libertação dos escravos, caiu a monarquia e foi instituída a República. Nabuco foi duramente atacado, como tendo sido um dos responsáveis pela queda do regime. Ele defendeu-se, argumentando que o advento da forma republicana de governo era

devido a "uma explosão de despeito dos agricultores... contra a monarquia que extinguiu a escravidão".

Ao ser derrotada a monarquia, encerrou, voluntariamente, a sua vida pública, passando a viver no ostracismo político. A essa perda prematura de tão grande líder, o país não ficaria insensível. Do seu retiro voluntário, no entanto, ele acompanhava, silencioso, o desenrolar dos acontecimentos. Por vezes, expressava opiniões, mas, sempre de forma reservada. Posteriormente, diria: "Eu era monarchista por que a lógica me dizia que não se devia absolutamente aproveitar para nenhuma fundação nacional o ressentimento do escravismo." (8) Daí, podemos depreender o quanto lhe foi duro aceitar tal transformação política, que viera como consequência da Abolição.

Condenou as arbitrariedades cometidas pelo novo regime, principalmente contra os seus opositores. Era radicalmente contra o "julgamento de factos civis e políticos — não-crimes — em segredo de justiça, por uma comissão militar adhoc..." o que considerava um desrespeito à liberdade individual e à própria justiça. Comparando a situação com à da época da monarquia, ele dizia que "... em tempos do Império, mesmo os militares eram julgados pelo jury...", sendo, portanto, condenável a situação existente nos primeiros tempos da República.

Analisando o cenário político, não só do Brasil, mas da América Latina, onde a instabilidade e imaturidade política eram uma constante, ele afirmou, que "a República nos países latinos da América, é um governo no qual é essencial desistir da liberdade para obter a ordem". (9) Constata-se esse fato, pelo número de caudilhos, que pontilham a história política latino-americana.

Habitado com a monarquia liberal, Nabuco preocupava-se profundamente com os rumos da nação sob o regime republicano. Acreditava que revoluções e golpes de estado seriam fatos comuns na vida política do país, sob a república. Era bastante radical a esse respeito, talvez por não confiar na eficiência do regime, ou na sua adequação para o caso do Brasil. Sua opinião está sintetizada numa sua afirmativa em que ele dizia que "... sob a forma republicana, nunca um partido cairá do poder senão pela revolução. Só do campo da guerra civil, das barricadas das cidades, poderão surgir novas situações políticas. O voto não vale nada" (9). Afirmativa que se pode considerar radical, se olhada por um ângulo, ou lógica, se olhada por outro. A realidade é que a República, no Brasil, tem se mantido, como forma de governo, consolidando-se, com o passar do tempo. Ao mesmo tempo, temos vis-

(8) NABUCO, Joaquim. Porque continuo a ser monarchista.

(9) Ibidem.

to, ao longo desses 85 anos em que ela vigora como forma de governo, diversas revoluções e crises políticas sérias, que vêm ratificar a previsão de Nabuco.

Sua intransigência com relação à República, no entanto, viria a terminar. Aceitou-a, depois de alguns anos, colocando o patriotismo acima das convicções políticas. Seu sentido de patriotismo e de dever para com o seu país devem ser tomados como um dos maiores exemplos de nobreza de espírito. Quando da questão de limites entre o Brasil e a Guiana Inglesa, ele foi convidado, diversas vezes, para elaborar a nossa defesa. Colocando o dever acima das divergências políticas, ele resolveu aceitar a tarefa, dando provas de grande patriotismo. Essa sua atitude foi, por ele, explicada da forma que se segue: "...como liberal, a aspiração sintética da minha vida tinha de ser a de não me dissociar, qualquer que fosse sua forma de governo, dos destinos do meu país" (10).

Grande exemplo, o seu, pela coerência com os princípios adotados e por saber renunciar, no momento certo, às suas convicções por algo muito maior: a Pátria. Disso, desse senso especial, que lhe permitia saber quando, ou quando ceder, devemos todos nós imbuir, no dia a dia, ou no desempenho de nossas funções.

Na diplomacia, sua atuação foi das mais brilhantes. Representou o Brasil em Washington e em Londres, cidades onde viveu, por vários anos. Defendeu o Brasil, de maneira brilhante, na questão da Guiana, sendo, no entanto, infeliz no resultado final, quando o monarca italiano favoreceu à Inglaterra, talvez por desconhecer as condições latino-americanas.

Durante as suas viagens como diplomata, Nabuco desenvolveu o seu sentimento universalista e, mais particularmente, aferrou-se às suas idéias em favor do pan-americanismo. Defendeu sempre um bom relacionamento com os países irmãos da América, e, em particular, a nossa aproximação com os Estados Unidos. Desejava a formação de uma entidade que unisse, em assembléia, todos os países do continente, a fim de resolver problemas entre os mesmos, estabelecer a cooperação mútua e o progresso comum. Entre as suas aspirações, com relação ao Pan-Americanismo, estava a criação de um Tribunal Americano, com a finalidade de julgar questões entre países americanos. Argumentava que países europeus, quando tomados por árbitros, davam um enfoque europeu ao problema. Invariavelmente, isso acarretava distorções, como fora o caso da questão da Guiana, que ele jamais esqueceria.

Na época atual, a Organização dos Estados Americanos é uma realidade. Sua influência no relacionamento entre os países america-

(10) NABUCO, Joaquim: Minha formação.

nos tem sido muito grande. Graças à sua atuação, existem acordos regulamentando o intercâmbio comercial, promovendo o intercâmbio cultural e científico, delimitando a soberania territorial e marítima dos países o uso de cursos d'água fronteiriços, etc. Não se constitui, no entanto, em um órgão internacional infalível, nem jamais o será, mas já é um grande passo para o entendimento americano e o progresso comum.

Também no Jornalismo, teve ele grande destaque. Foi através do mesmo que ele defendeu muitos dos seus pontos de vista. Manteve colunas em diversos jornais, como o *Jornal do Comércio*, *A Reforma*, *O Globo*, *A Época*, *O Abolicionismo*, além de outros órgãos da imprensa internacional. Da Inglaterra enviava artigos para jornais brasileiros, e argentinos, enquanto escrevia para a imprensa britânica. Sua atuação na imprensa foi, não pela imprensa em si, mas, pelo que ele podia conseguir através da mesma. Sabia que o Jornalismo não era uma forma superior de escrever, nem de baluarte do qual se pudesse defender a cultura e as letras de um país. Servia-lhe como uma ferramenta, com a qual procurava forjar a opinião pública em favor de suas idéias. Era um meio, não um fim.

Face à grande penetração que tinha a imprensa nos meios populares da sua época, ele disse: "O Jornalismo exerce sobre o talento e a ambição intelectual de nossa época uma atuação quase exclusiva, porque é também quase exclusivamente o que se lê... Os povos que só lêem jornais decaem logo do número dos chamados de cultura..." (11). Tais afirmações devem ter causado críticas, comentários, divergências e assentimentos. São, no entanto, verdadeiras até certo ponto, pois, só com jornais não se cria cultura; apenas se informa um povo, de modo superficial. Hoje, apesar do grande número de editores existentes no país, o volume de publicações é ainda pequeno, se comparando ao de países desenvolvidos. Ainda é grande o número de brasileiros, principalmente os da classe mais baixa, que se limitam a ler jornais e revistas, quando o fazem.

Além do marasmo intelectual em que muitos brasileiros se acham mergulhados, há outro fato, que Nabuco criticara e que, hoje, mais do que então, é uma realidade. Ele dizia que "a sociedade inteira confia à imprensa a função de pensar por ela, de agir em seu nome, de cumprir os seus deveres, de manifestar os seus sentimentos" (12). Isso vemos, quando muitos se deixam levar pelas opiniões impressas nos jornais, versem elas sobre política, artes ou esportes. No mundo moderno, quando a imprensa, dotada de meios sofisticados de comunicação de massa, polariza as atenções, influencia as opiniões, promove reviravol-

(11) CARDIM, Elmano. Joaquim Nabuco, homem de imprensa.

(12) NABUCO, op. cit. nota 1.

tas nos gostos e tendências, suas afirmativas mostram-se presentes e atuais.

No entanto, seria um erro apontar apenas o lado negativo, esquecendo a utilidade da imprensa. Sua utilidade é muito grande, como fator informativo, e não pretendemos, de modo algum, negar esse fato, como Nabuco também não o quis. Tanto é que afirmava que "o jornal terá sempre um lugar no movimento das idéias". O que ele criticava, não era apenas o jornal como meio de comunicação, mas também e principalmente, o modo passivo e ingênuo como muitos o recebiam. Queria com isso criar uma consciência de que o mesmo tinha seu valor, mas não devia se tornar senhor absoluto no movimento de idéias.

Quanto à literatura, sua atuação foi também marcante. Escreveu diversos livros, cujo valor histórico, político e literário é largamente reconhecido. Dentre as suas obras, algumas merecem um destaque especial, pela influência e repercussão que obtiveram, como, por exemplo: *Minha Formação*, *O Abolicionismo*, *Um Estadista do Império*, *Balmaceda*, *Escritos e Discursos Literários*, e *O Direito do Brasil*, entre outros.

Sua admiração pelo grande poeta luso Luís de Camões foi enorme. Conhecedor profundo da sua vasta obra, exaltou-o o quanto pôde, divulgando os seus trabalhos não só no Brasil como no exterior. Durante suas viagens à América, pronunciou uma série de conferências, nas quais fazia um estudo sério e profundo do grande escritor. As conferências, todas em inglês, obtiveram sucesso sem precedentes. Além disso, ainda escreveria um livro intitulado *Camões e os Lusíadas*, nas comemorações do 3.º centenário do poema.

O lugar de destaque ocupado, hoje, por Camões na nossa literatura deve-se, em parte, à vibrante divulgação de sua obra por parte de Nabuco. Suas conferências, seu livro, sua opinião, influenciaram, sem dúvida, os seus contemporâneos e despertaram uma maior atenção para o poeta e a sua obra.

No aspecto religioso, ele se manteve bastante cético e contrário à Igreja, durante a maior parte da sua existência. A sua descrença, o seu ateísmo, foram consequência de um fato muito comum no sentimento religioso brasileiro: a falta de base, de formação profunda, o desconhecimento da Doutrina Católica. Era favorável à criação de uma Igreja Nacional, independente de Roma, e, nas lutas entre a Igreja e a Maçonaria, fora favorável a esta última.

No seu livro *Um Estadista do Império*, mostra os motivos que levaram o seu pai, quando no cargo de Ministro da Justiça, a intervir nas ordens religiosas. Havendo uma estatização da Igreja, à época, podia o Estado intervir na mesma. Assim, devido à corrupção moral exis-

tente no clero, o ministro Nabuco de Araújo proibiu o funcionamento de seminários e noviciados no país, proibição que perdurou até à República. Houve uma grita, mas muitos apoiaram a atitude do ministro, inclusive autoridades clericais como o bispo de São Paulo.

A corrupção do clero era devida, principalmente, à falta de vocação religiosa. Havia uma grande afluência para os conventos de jovens que desejavam, unicamente, fugir do serviço militar ou ter uma vida estável e segura. Daí, o fato de diversos elementos da Igreja se dedicarem com demasiado afinco à acumulação de bens materiais e de riquezas. Durante a Campanha Abolicionista, pouco ou quase nada foi feito pela Igreja em favor dos escravos, a não ser quando do apoio do Vaticano ao movimento. O fato é que, no Brasil, o clero se omitiu, levando Nabuco a dizer mesmo, que: "Entre nós, o movimento abolicionista nada deve, infelizmente, à Igreja do Estado; pelo contrário, a posse de homens e mulheres pelos conventos e por todo o clero secular desmoralizou completamente o sentimento religioso de senhores e escravos. No sacerdote, estes não viam senão um homem que os podia comprar, e aqueles, a última pessoa que se lembraria de acusá-los" (12). Muitos conventos possuíam escravos, o que concorreu para diminuir, aos olhos de Nabuco, o conceito do clero brasileiro.

Com o início da fase crítica da Questão Religiosa, em que Maçonaria e Igreja se defrontaram abertamente, começou a se decidir o futuro das duas instituições. A Maçonaria era muito forte, contando com elementos de projeção do governo e até do clero. A Igreja afirmava e Nabuco negava que as intenções da proibição aos seminários eram de destruir o catolicismo no país, e que a medida fora inspirada pela Maçonaria. Com o término da crise, a Igreja recuperou-se rapidamente, mas a Maçonaria ficou bastante enfraquecida, perdendo muito do seu prestígio e da sua importância na vida nacional.

Apesar de sua divergência com o clero e com a Igreja, Nabuco terminou os seus dias em paz com Deus. Sua conversão deu-se em 1892, quando ele, vencendo "a dúvida sem fim", recebeu a hóstia na Igreja do Oratório.

A existência de parques nacionais, é fato de grande importância, não só cultural, preservando a cultura indígena mas também ecológica, pois permite a sobrevivência da flora e da fauna. Pois bem, é importante que se diga que o tão conhecido Parque Nacional do Xingú talvez não existisse hoje sem a intervenção desse grande homem público. Ao saber que particulares desejavam adquirir o vale do Xingú, sua oposição foi pronta e irredutível. Como ele, muitos se opuseram contra tal violação do patrimônio natural do país. Discursando sobre o assunto, ele diria: "Eu que espero o dia da emancipação do escravo, não

(12) *Ibidem*.

posso concordar na formação de companhias que ameacem os direitos nem que possam explorar, sem garantia alguma, o serviço e a liberdade dos indígenas" (13). Assim, vemos, que, mesmo envolvido com o problema do negro, ele não descurava das eventuais injustiças que se praticassem. Sua voz era sempre a da legalidade e do Direito.

Interpretando a nossa Carta Magna, ele diria: "A Constituição não é uma barreira levantada no nosso caminho, não são as tábuas da lei recebidas do legislador divino... Ela é um grande mecanismo liberal, um maquinismo dotado de todos os órgãos de locomoção e de progresso, é um organismo vivo que caminha e se adapta às funções diversas que em cada época têm necessariamente de existir" (14). Quão correta e bela foi essa sua interpretação! Desse modo, devemos todos olhar a Constituição: não como indiscutível e definitiva, mas como passível de reformas e atualizações. Com o correr dos anos e as inevitáveis mudanças políticas e sociais, a nossa Constituição mudou, adaptou-se. As vezes foi simplesmente mudada. Geralmente, teve caráter liberal, o que não ocorreu por exemplo durante o Estado Novo. Após esse período, atravessamos alguns momentos de crise constitucional, sem que isso afetasse, de modo marcante, a natureza liberal da nossa Carta Magna.

Como uma influência viva, concreta e atual, das idéias de Nabuco, podemos citar o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Criado oficialmente a 21 de julho de 1949, como parte das comemorações do 1.º centenário do nascimento desse ilustre brasileiro, tem esse Instituto, no dizer de Gilberto Freyre, seu idealizador, a finalidade de ser "principalmente um centro de estudo vivo, de pesquisa de campo... e no qual se estuda o homem regional das zonas rurais do Norte."

Estudando o homem do Norte e Nordeste, o IJNPS vem dando valiosa contribuição para o melhor conhecimento dos costumes regionais. Vem analisando técnicas agrícolas e pecuárias, as atividades econômicas em geral, estudando o folclore do nosso povo e tirando valiosas conclusões sobre a sua psicologia social. Essas pesquisas têm tido importância fundamental na transformação que se tem operado na região, pois têm servido de base para a tomada de muitas decisões, tanto por parte do empresariado, como por parte do governo.

A projeção do Instituto tem sido acentuada, alcançando alto conceito no exterior. Desse modo são realizados intercâmbios culturais com universidades e centros de pesquisa, no exterior.

Hoje, o Instituto Joaquim Nabuco representa um marco pioneiro na pesquisa social do Brasil. Suas realizações contêm o espírito do

(13) NABUCO, Joaquim. Terceira conferência no Teatro Santa Isabel a 16/11/1884.

(14) Ibidem.

homem que lhe emprestou o nome e a marca da criatividade científica do seu fundador.

Do que foi dito até agora, podemos depreender o quanto Nabuco influenciou a sociedade brasileira. Poderíamos compará-lo a um bom semeador: seu arado deixou marcas profundas e suas sementes foram todas, da melhor qualidade. Se nem todas medraram, foi, ou porque o solo não estava preparado para recebê-las, ou porque eram muito novas. Os frutos são bem visíveis. O fato incontestável, porém, é que seu legado de idéias e realizações influenciou os rumos do Brasil e o pensamento das gerações que o sucederam.

Referências Bibliográficas

- THE ANTI-SLAVERY REPORTER. London, 1881. 68 p. v. 1, n. 4, Apr. 14.
- CARDIM, Elmano. *Joaquim Nabuco, homem de imprensa*. Conferência proferida no Itamaraty. Rio de Janeiro, s. ed. 1945.
- CARVALHO, Odete de. *Joaquim Nabuco, diplomata e geógrafo*. Diário de Pernambuco, Recife, 28 jan. 1974.
- GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro, Ed. Delta, 1970. v. 10, p. 4714.
- MANIFESTO da sociedade brasileira contra a escravidão. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1880. 17 p.
- NABUCO, Carolina. *Conferências sobre Nabuco*. Recife, s. ed., 1963. 63 p.
- . *Joaquim Nabuco; trechos escolhidos*. Rio de Janeiro, Agir, 1958. 74p.
- . *A vida de Joaquim Nabuco*. Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1928. 526 p.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo; conferências e discursos abolicionistas*. São Paulo, Inst. Progresso, 1949. 417 p. (Obras completas, 7).
- . *Balmaceda*. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1895. 225 p.
- . *O direito do Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional, 1941. 295 p.
- NABUCO, Joaquim. *Discursos e conferências nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Benjamin Aguila, 1911. 207 p.

- . *Discursos parlamentares*. Rio de Janeiro, Impr. Nacional, 1950. 534 p.
- . *A intervenção estrangeira durante a revolta de 1893*. São Paulo, Ed. Nacional, 1939.
- . *Minha formação*. São Paulo, Ed. Nacional, 1934. 263 p.
- . *Nacionalização do solo; apreciação da propaganda para abolição do monopólio territorial na Inglaterra*. Rio de Janeiro, A. J. Lamoureux, 1884. 12 p.
- . *Pensée detachées et souvenirs*. Paris, Hachette, 1906. 299 p.
- . *Porque continuo a ser monarchista; carta ao Diário do Comércio*. Londres, Abraham Kingdon & Newham, 1890. 23 p.
- . Terceira conferência do Theatro Santa Isabel a 16 de novembro. In: ————. *Campanha abolicionista no Recife* (eleições de 1884). Discursos de Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1885. p. 57-116.
- . *Um estadista do Império: Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua época*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1896. 3 t.
- “Nabuco, Joaquim. (Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo)” In: *ENCYCLOPEDIA DICCIONARIO INTERNACIONAL*. Lisboa, Jackson W. M., s. d. v. 13, p. 7722-4.
- NABUCO, Joaquim, sac. *Em defesa do livro; a conservação das nossas bibliotecas e arquivos*. 2. ed. Rio de Janeiro, Antunes, 1959. 131 p.